

Congreso Iberoamericano

LA EDUCACIÓN ANTE EL NUEVO ENTORNO DIGITAL



formación**ib**)

ISBN 978-84-948417-1-2

Como ser comunidade no mundo virtual?

Ações on-line de formação de educadores ambientais

Lamim-Guedes, Valdir
Centro Universitário Senac – São Paulo-SP, Brasil.
lamimguedes@gmail.com

1. Introdução

Neste trabalho apresentamos aspectos do planejamento, desenvolvimento e implementação de alguns cursos oferecidos na modalidade de educação a distância (EaD) voltados para a formação de educadores ambientais, que integraram uma tese de doutorado da área de educação (LAMIM-GUEDES, 2019), os aspectos tratados são pertinentes para a formação de professores de forma geral. Com a diversidade de situação formativas, pretende-se demonstrar diferentes formas de formação continuada de educadores, ou melhor, conforme a nomenclatura adotada pela Unesco, aprendizagem ao longo da vida, o que reforça a necessidade permanente de ampliar o conhecimento e competências:

Todas as pessoas, independentemente de sexo, idade, raça, etnia e pessoas com deficiência, migrantes, povos indígenas, crianças e jovens, especialmente aquelas em situações vulneráveis, devem ter acesso a oportunidades de aprendizagem ao longo da vida que as ajudem a adquirir o conhecimento e as habilidades necessárias para aproveitar oportunidades e participar plenamente na sociedade (UNITED NATIONS, 2015, p. 25 *apud* UNESCO INSTITUTE FOR LIFELONG LEARNING, 2016, p. 17).

A abordagem deste trabalho está dividida entre duas áreas, a educação ambiental (EA) e a EaD. A EA é constituída a partir de ações pedagógicas alinhadas com o conhecimento sobre o meio ambiente, com destaque para a atuação coletiva conforme uma abordagem sociocultural, crítica e emancipatória da educação. Enquanto, a EaD tem sido adotada de forma crescente para oferecer cursos formais ou ações não-formais de formação continuada de educadores de diversas áreas, entre elas de EA. O nosso objetivo neste trabalho é relatar cinco ações formais e não-formais de formação continuada de educadores ambientais mediada por Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) em ações on-line (modalidade EaD).

2. Contexto dos cursos

Foram analisadas cinco ações formais e não-formais de formação continuada de educadores ambientais on-line, sendo três cursos livres, um grupo de estudos em uma rede social (Facebook) e um curso de pós-graduação lato sensu. Estes cursos foram criados buscando atender interesses distintos: os cursos mais curtos são voltados para estudos introdutórios sobre EA, o grupo no Facebook, envolveu o debate entre pessoas com alguma experiência na temática e que pretendiam se manter atualizadas, enquanto a especialização era voltada para um estudo de longa duração e aprofundamento teórico-prático em EA.

Estas iniciativas são: três cursos livres: (A) Portal de Cursos Abertos (PoCA) da UFSCar (desde fevereiro/2019), (B) cursos oferecido pela Unesp (2013 e 2014), (C) oferecimento realizado pela Editora Na Raiz, através do *google classroom* (2018), com carga horária de 10, 60 e 30 horas, respectivamente; (D) constituição de um grupo de estudos, utilizando um grupo na rede social Facebook, com ações que se estenderam por cerca de quatro meses em 2015; (E) oferta de um curso de especialização EaD em Educação Ambiental para Sustentabilidade pelo Senac-SP, com duração de 1 ano e meio e carga horária de 360 horas, entre 2014 e 2017. As iniciativas A, B, C e D são não-formais (A, B e C com certificação como curso livre), enquanto a iniciativa E é formal.

A tendência pedagógica adotada nestes cursos foi a socioconstrutivista (exceto o MOOC, que é de natureza conectivista), com aspectos da teoria de aprendizagem social, baseada no estímulo ao diálogo e à construção coletiva do conhecimento. As contribuições da abordagem socioconstrutivista é que esta favorece um ensino mais contextualizado e significativo em contraposição à abordagem tradicional (MATTAR, 2013). A perspectiva da Aprendizagem Social também contribui para uma visão educativa que traga mudanças socioambientais (JACOBI, 2012). Assim, ao favorecer o debate, interação, atividades colaborativas, experimentação e a resolução de problemas nas ações educativas, com o professor assumindo um papel de mediador, temos a possibilidade de maior participação dos alunos e a compreensão de que o conhecimento é dinâmico, não um produto final e inacessível aos educandos. Contudo, os educadores precisam de apoio para ter conhecimento destas metodologias, assim como, espaços para interlocução para repensar sua atuação, sendo que nem sempre a sala de professores é um espaço favorável ao debate e mudanças na escola. Desta forma, o uso da EaD permite que professores de várias áreas, não apenas educadores ambientais, tenham acesso a novos conhecimentos a partir dos materiais didáticos, como através da interação com os outros integrantes da iniciativa educativa.

Uma das iniciativas desenvolvidas foi um MOOC, isto é, um *Massive Open On-line Course*, em português, um curso massivo, on-line e aberto. Os MOOCs são caracterizados por um grande número de participantes (centenas a milhares), com temática e material didático básico e grande destaque para a interação e a construção coletiva do conhecimento. No conectivismo, como a informação é hoje abundante e de fácil acesso, e boa parte do processamento mental e a resolução de problemas pode ser descarregada em máquinas, a aprendizagem não é mais concebida como memorização ou mesmo compreensão de tudo, mas sim como construção e manutenção de conexões em rede para que o aprendiz seja capaz de encontrar e aplicar conhecimento quando e onde for necessário (MATTAR, 2013). De ponto de vista do planejamento e execução, o desafio é assegurar o engajamento dos participantes para que isto gere vivências que permitam a aprendizagem.

O curso de pós-graduação era dividido em 12 disciplinas, sendo três referentes ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Estas disciplinas tinham materiais didáticos próprios compostos por textos e vídeos. A proposta era de fornecer aspectos teórico-práticos relacionados à EA e que permitisse a inserção profissional dos egressos. Destacamos que o TCC era um momento de intensa relação entre os aspectos tratados ao longo do curso e a redação de um projeto de intervenção ambiental. A inserção do primeiro autor nesta iniciativa é da atuação como docente, em contraste às outras ações, na quais este fez o planejamento, desenvolvimento do material didático e mediação.

Os cursos livres tiveram em comum o mesmo material didático usado em sua totalidade ou partes deste, dependendo da ação desenvolvida. Os cursos oferecidos através da Unesp (através do CECEMCA - Centro de Educação Continuada em Educação Matemática, Científica e Ambiental da UNESP, campus de Rio Claro) e do *Google Classroom* (instituição responsável era a Editora Na Raiz) tinham um material textual com cerca de 100 páginas e materiais complementares (vídeos, sites e outros textos). Estes dois cursos tiveram um pequeno grupo de alunos (até 35 pessoas), com mediação e início sincrônico, isto é, todos começaram o curso na mesma data. Por outro lado, o curso oferecido pelo Portal de Cursos Abertos (PoCA) da UFSCar, tem o formato de MOOC, isto é, tem a possibilidade de receber um grande número de alunos, permitindo o acesso a um material didático e a espaços para interação. Do material dos dois outros cursos livres, foi usado um terço para este curso, além disto, foram gravados dois

vídeos no modelo de aulas narradas (slides e narração). O acesso dos alunos ao curso é livre, sendo exigido apenas um cadastro no PoCA, sendo um importante aspecto para democratização do acesso à informação, por outro lado, a ausência de mediação (o curso é, portanto, quase autoinstrucional) e a entrada assíncrona, dificultam a interação entre os participantes.

Consideramos o público-alvo como ponto de partida para o planejamento de qualquer iniciativa educacional. A partir da determinação deste pode-se considerar se uma dada ação on-line é adequada ou não. Isto é, os possíveis participantes de dada iniciativa têm acesso a equipamentos eletroeletrônicos e Internet? Se sim, uma ação on-line é possível. O interesse dos participantes é outro fator que determina fortemente o projeto de um curso, nos três estudos de caso adotados na Tese, temos uma forte distinção entre o interesse dos alunos. No caso da especialização, o interesse é uma formação de longa duração e que, geralmente, favorece uma atuação profissional na área socioambiental, por outro lado, as ações não-formais (cursos livres e grupo no Facebook) possibilitam a atualização de informações sobre questões socioambientais ou um contato introdutório com esta temática. A certificação está atrelada aos interesses do público-alvo, se este funciona como condicionante para inserção no mercado, como é o caso da especialização, ou uma alteração de salário (como ocorre com o funcionalismo público, que tem mudanças na remuneração conforme os cursos que o funcionário realiza). O extremo oposto é o grupo no Facebook, que é voltado para um debate livre e menos atrelado a algum objetivo acadêmico e/ou profissional imediato.

A profundidade da abordagem, se é introdutória ou não, também decorre dos objetivos do público-alvo, sendo que o não atendimento às expectativas dos alunos pode gerar descontentamento e evasão. Isto aconteceu no MOOC oferecido pelo PoCA/UFSCar, pois se trata de uma abordagem bastante introdutória, o que foi alvo de críticas, como discutimos no capítulo cinco. A própria adoção de TDICs em determinado curso também depende do público-alvo, por exemplo, se este já alfabetizado digitalmente. Em cursos mais longos, é possível ter um planejamento para ampliar as habilidades de informática.

3. Promoção da interação em situações on-line

A metodologia de ensino dos cursos envolveu: adoção de diferentes Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs) para constituição das comunidades virtuais de aprendizagem; ações para promover a interação via debates (via fórum e postagens no grupo do Facebook), webconferências e redação de (auto)biografias; adoção de materiais didáticos em formatos variados (texto, imagens e vídeo); e a proposição de atividades reflexivas [(auto)biografias, por exemplo] e/ou práticas (como a realização de oficinas educativas pelos alunos).

Sobre a análise de ferramentas que contribuiram para a interação nos cursos estudados de forma a permitir a construção coletiva de conhecimento e aprendizagem social, destacamos os fóruns, tradicionalmente usados em cursos EaD via web 2.0, webconferências, wikis, enquanto outras ações, como a organização de glossário, também dependeram destas três ferramentas. No caso das ações não-formais, estas ferramentas foram adaptadas para a “discussão” dos grupos do Facebook e o uso do Google Docs para permitir a escrita colaborativa. Importante destacar que, dado o uso de várias ferramentas, tivemos práticas colaborativas de escrita via internet (PINHEIRO, 2018), que consideramos como uma demonstração de um planejamento didático que inter-relaciona várias atividades e ferramentas para gerar um produto coletivo (usamos produto de forma geral, pois, não necessariamente, é um texto). De forma geral,

demonstramos um uso diversificado destas ferramentas que contribuíram para a interação e reflexão, aspectos essenciais à aprendizagem social.

Um exemplo de atividade de práticas colaborativas de escrita via internet foi desenvolvida durante o curso livre oferecido junto à Unesp, em que os participantes foram convidados a colaborar com um capítulo “inacabado”, isto é, uma versão propositalmente curta que poderia ser ampliada pelos integrantes daquela comunidade digital. A proposta era, mais do que ter um capítulo coletivo como produto final, fazer com que os participantes percebessem que as informações tratadas no material do curso não eram estanques e estavam sujeitas a reformulação. O processo colaborativo começou com a disponibilização de uma versão preliminar do texto através do Google Docs. Os participantes do curso foram convidados para alterar o texto e, depois do processo de edição, o texto integrou o livro sobre este curso (LAMIM-GUEDES, 2018).

O livro *Educação Ambiental na Educação Básica: Entre a disciplinarização e a transversalidade da temática socioambiental* resultou de um processo colaborativo que envolveu alunos das pós-graduação lato sensu, sobretudo dentro das ações desenvolvidas na disciplina Educação Ambiental no Ensino Formal. Ele representou uma convergência de várias ações distintas: interação nos fóruns, realização de webconferências, redação de textos individuais e coletivos (a partir das produções textuais individuais), leitura cruzada (revisão por pares não anônima) realizadas com duas turmas e que mobilizaram os alunos, seja para participar dos debates, como para compor um livro (LAMIM-GUEDES; MONTEIRO, 2019). Nestes dois casos, são práticas colaborativas de escrita (cf. PINHEIRO, 2018) porque o texto foi precedido por uma série de ações interativas, assim como individuais (estudo dos materiais disponibilizados), de forma que não se resumem a redação conjunta em si.

4. Considerações finais

Com estes cursos, buscamos o desenvolvimento de processos educativos mais contextualizados, interativos e que permitam a reflexão por parte dos participantes, sobretudo dos professores, aspectos essenciais na formação de educadores de forma geral, assim como, especificamente de educadores ambientais. Aliado a isto, podemos considerar estas ações como protótipos para políticas públicas de formação de educadores, sobretudo na perspectiva da formação continuada de educadores mediada por TDICs.

5. Referências bibliográficas

Jacobi, P. R. (2012). Aprendizagem social e pesquisa-ação: semelhanças na construção de saberes e transformação de realidades complexas. In: Toledo, R. F.; Jacobi, P. R. (Orgs). *A Pesquisa-Ação na Interface da Saúde, Educação e Ambiente: Princípios, desafios e experiências interdisciplinares*. São Paulo: Annablume, p. 95-113.

Lamim-Guedes, V. (2019). *Comunidades virtuais na formação continuada de educadores ambientais*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Lamim-Guedes, V. (2018). *O que temos a dizer sobre educação para sustentabilidade*. São Paulo: Editora Na Raiz. Disponível em <https://editoranaraiz.wordpress.com/livros/>.

Lamim-Guedes, V.; Monteiro, R. A. A. (Orgs.). (2019). *Educação ambiental na educação básica: entre a disciplinarização e a transversalidade da temática socioambiental*. 2. ed. São Paulo-SP: Na Raiz. Disponível em <https://editoranaraiz.wordpress.com/livros/>.

Mattar, J. (2013). Aprendizagem em ambientes virtuais: teorias, conectivismo e MOOCs. *Teccogs*, 7: 20-40.

Pinheiro, P. A. (2018). Produção textual em contexto de ensino superior: Rediscutindo perspectivas e procedimentos de ensino-aprendizagem. *Alfa*, 62(2): 325-343.

Unesco Institute for Lifelong Learning. *Terceiro relatório global sobre aprendizagem e educação de adultos*. Brasília: UNESCO, 2016.